

A SEMANA – 133

John Gledson

Dois dos assuntos que Machado levanta aqui, o câmbio e a cólera, dominaram os jornais da semana, mas caracteristicamente ele abre a crônica com um *fait divers* que nem sei se era fato – o suicídio da suposta amante do finado tsar Alexandre III, ao redor da qual tece suas considerações meio cínicas e engraçadas, incluindo uma paródia da típica autobiografia de uma celebridade, válida hoje como nesses dias. Depois, falando das controvérsias da semana, entra em três assuntos preferidos dele: o Encilhamento, com a corrupção e agiotagem que trouxe consigo à vida cotidiana; a controvérsia em si, outra forma da briga que parece inerente e essencial ao homem; e as suas lembranças dos hábitos inocentes da noite de S. João da sua juventude.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 187-191.



A SEMANA

16 de dezembro de 1894

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Um telegrama de S. Petersburgo anunciou anteontem que a bailarina Labushka cometeu suicídio. Não traz a causa; mas, dizendo que ela era amante do finado imperador, fica entendido que se matou de saudade.¹

Que eu não tenha, ó alma eslava, ó Cleópatra sem Egito, que eu não tenha a lira de Byron para cantar aqui a tua melancólica aventura! Possuías o amor de um potentado. O telegrama diz que eras amante “declarada”, isto é, aceita como as demais instituições do país. Sem protocolo, nem outras etiquetas, pela única lei de Eros, dançavas com ele a redowa² da mocidade. Naturalmente eras a professora, por isso que eras bailarina de ofício; ele, discípulo, timbrava em não perder o compasso, e a Santa Rússia, que dizem ser imensa, era para vós ambos infinita.

Um dia, a morte, que também gosta de dançar, pegou no teu imperador e transferiu-o a outra Rússia ainda mais infinita. A tristeza universal foi grande, porque era um homem bom e justo. Daqui mesmo, desta remota capital americana, vimos os grandiosos funerais e ouvimos as lamentações públicas. Não nos chegaram as tuas, porque há sempre um recanto surdo para as dores irregulares. Agora, porém, que tudo acabou, eis aí reboa o som de um tiro, que faltava para completar os funerais do autocrata. Rival da morte, quiseste ir dançar com ele a redowa da eternidade.

Há aqui um mistério. Não é vulgar em bailarinas essa fidelidade verdadeiramente eterna. Muitas vezes choram; estanques as lágrimas, recolhem as recordações do morto, outras tantas lágrimas cristalizadas em diamantes, contam os títulos de dívida pública, estão certos; as sedas são ainda novas, todos os tapetes vieram da Pérsia ou da Turquia. Se há um palacete, dado em dia de anos, as paredes, que viram

¹ Este telegrama, tal qual o cita Machado, apareceu n’*O Paiz* na sexta-feira, 14 de dezembro: “Suicidou-se a bailarina Labushka, amante declarada do finado imperador Alexandre III”. O tsar, nascido em 1845, morrera em 1º de novembro de 1894, de nefrite, uma doença dos rins. Confesso que aqui também há outro mistério para juntar aos de Machado, pois as fontes todas insistem que foi o único tsar a não tomar amante. O seu casamento com a princesa dinamarquesa Dagmar foi muito feliz.

² A redowa é uma dança vivaz, semelhante à valsa, de origem tcheca. Aurélio põe esta palavra, aqui e no próximo parágrafo, em itálico. A *Gazeta* e Mário de Alencar põem em redondo.

o homem, passam a ver tão somente a sombra do homem, fixada nos ricos móveis do salão e do resto. Se não há palacete, há leiloeiros para vender a mobília. Como levá-la à velha hospedaria de outras terras, Belgrado ou Veneza, aonde a meia viúva se abriga para descansar do morto, e de onde sai, às vezes, pelo braço de um marido, barão autêntico e mais autêntico mendigo?

Eis o que se dá no mundo da pirueta. O teu suicídio, porém, última homenagem, e (perdoem-me a exageração) a mais eloquente das milhares que recebeu a memória do imperador, o teu suicídio é um mistério. Grande mistério, que só o mundo eslavo é capaz de dar. Foi telegrama o que li? Foi alguma página de Dostoiévski?³ A conclusão última é que amavas. Sacrificaste uma aposentadoria grossa, a fama, a curiosidade pública, as memórias que podias escrever ou mandar escrever, e, antes delas, as entrevistas para os jornais, os interrogatórios que te faziam sobre os hábitos do imperador e os teus próprios hábitos, e quantos copos de chá bebias diariamente, as cores mais do teu gosto, as roupas mais do teu uso, quem foram teus pais, se tiveste algum tio, se esse tio era alto, se era coronel, se era reformado, quando se reformou, quem foi o ministro que assinou a reforma, etc., um rosário de notícias interessantes para o público de ambos os mundos. Tudo sacrificaste por um mistério.

Mistérios nunca nos aborreceram;⁴ a prova é que folgamos agora diante de dois mistérios enormes, dois verdadeiros abismos (insondáveis). Sempre gostamos do inextricável. Este país não detesta as questões simples, nem as soluções transparentes, mas não se pode dizer que as adora. A razão não está só na sedução própria do obscuro e do complexo, está ainda em que o obscuro e o complexo abrem a porta à controvérsia. Ora, a controvérsia, se não nasceu conosco, foi pelo fato inteiramente fortuito, de haver nascido antes; se se não tem apressado em vir a este mundo, era nossa irmã gêmea; se temos de a deixar neste mundo, é porque ainda cá ficarão homens. Mas vamos aos nossos dois mistérios.

O primeiro deles anda já tão safado, que até me custa escrever o nome: é o câmbio.⁵ Está outra vez no “tapete da discussão”. O segundo é recente, é novíssimo,

³ Que eu saiba, esta é a única referência ao grande romancista russo, conhecido pelas suas situações extremas e dramáticas, e suas personagens voláteis, na obra de Machado.

⁴ Está assim na *Gazeta* e Mário de Alencar. Aurélio corrige por “aborrecem”. Embora se entenda a lógica da mudança, achamos preferível ficar com o texto do jornal.

⁵ Durante a semana, praticamente todo dia aparece na *Gazeta* um artigo sobre o câmbio, de pessoas diferentes, com argumentos diferentes. Dada a nova estabilidade política, acreditava-se que o nível do câmbio do mil-réis contra a libra esterlina devia estar mais alto, e mais estável. Gustavo Franco, na sua edição da crônica, explica o fenômeno assim: “Depois da crise cambial, ou a grande desvalorização, de 1891 [isto é, o Encilhamento] o país viveu sob o regime de taxas de câmbio assumidamente flutuantes, experiência de modo algum intencional ou desejada. Antes pelo contrário, era o excepcional tornado regra, de acentuada instabilidade política e econômica. As influências financeiras sobre o câmbio, a especulação, a arbitragem, elementos familiares aos mercados financeiros modernos, aí se manifestavam em um esplendor, ou em uma magnitude, que não se havia testemunhado naquele século.” Nem todos os artigos e cartas na *Gazeta*, no *Paiz*, e noutros jornais, atribuem a instabilidade à especulação; outros argumentam que se devia a forças normais do mercado. “Altistas” e “baixistas” eram pessoas que apostavam no nível do mil-réis daqui a, por exemplo, um mês ou mais.

começa a entrar no debate: é o bacilo vírgula.⁶ Os mistérios da religião não nos acendem uns contra os outros; para crer neles basta a fé, e a fé não discute. Os do encilhamento aturdiram por alguns dias ou semanas; mas desde que se descobriu que o dinheiro caía do céu, o mistério perdeu a razão de ser. Quem, naquele tempo, pôs uma cesta, uma gamela, uma barrica, uma vasilha qualquer, ao luar ou às estrelas, e achou-se de manhã com cinco, dez, vinte mil contos, entendeu logo que só por falsificação é que fazemos dinheiro cá embaixo. Ouro puro e copioso é o que cai do eterno azul.

Eu, quando era pequenino, achei ainda uma usança da noite de S. João. Era expor um copo cheio d'água ao sereno, e despejar dentro um ovo de galinha. De manhã ia-se ver a forma do ovo; se era navio, a pessoa tinha de embarcar; se era uma casa, viria a ser proprietária, etc. Consultei uma vez o bom do santo; vi, claramente visto, – vi um navio; tinha de embarcar. Ainda não embarquei, mas enquanto houver navios no mar, não perco a esperança. Por ocasião do encilhamento, a maior parte das pessoas, não podendo sacudir fora as crenças da meninice, não punham gamelas vazias ao sereno, mas um copo com água e ovo. De manhã, viam navios, e ainda agora não veem outra coisa. Por que não puseram gamelas? Vivam as gamelas! Ou, se é lícito citar versos, digamos com o cantor dos *Timbiras*:

.....Paz aos Gamelas!
Renome e glória...⁷

Há quem queira filiar o câmbio atual aos costumes do encilhamento. A pessoa que me disse isto, provavelmente soube explicar-se; eu é que não soube entendê-la. É uma complicação de dinheiro que se ganha ou se perde, sem saber como, anonimamente, com designação geral de baixistas e altistas. Um embrulho. Mas há de ser ilusão, por força. Quem se lembra daqueles belos dias do encilhamento, sente que eles acabaram, como os belos dias de Aranjuez.⁸ Onde está agora o delírio? onde estão as imaginações? As estradas na lua, o anel de Saturno, a pele dos ursos polares, onde vão todos esses sonhos deslumbrantes, que nos fizeram viver, pois que a vida *es sueño*, segundo o poeta?⁹

⁶ Ver a crônica anterior, nota 2. Esta semana, porém, a certeza de que o bacilo vírgula era a causa única da cólera entrou em dúvida. No dia 11 de dezembro (*Gazeta*, p. 2, col. 1), há uma longa notícia a respeito, citando várias autoridades, e que diz: “A especificidade do bacilo vírgula foi aceita quase geralmente há dez anos atrás; mas à proporção que se foram acumulando documentos e observações, a coisa, de certa que parecia, passou a mais problemática.”

⁷ Palavras do quarto canto de *Os timbiras* (1857), de Gonçalves Dias (1823-1864), v. 372-373.

⁸ “Die schönen Tage in Aranjuez / Sind nun zur ende” – primeiras palavras de *Don Carlos* (1787), de Friedrich Schiller (1759-1805).

⁹ *La vida es sueño* (1635), peça de Pedro Calderón de la Barca (1600-1681).

Tais sonhos ainda são possíveis com o mistério do bacilo vírgula. Toda esta semana andou agitado esse bicho da terra tão pequeno,¹⁰ para citar outro poeta, o terceiro ou quarto que me vem ao bico da pena. Há dias assim; mas eu suponho que hoje esta afluência de lembranças poéticas é porque a poesia é também um mistério, e todos os mistérios são mais ou menos parentes uns dos outros. Suponho, não afirmo; depois do que tenho lido sobre o famoso bacilo, não afirmo nada; também não nego. Autoridades respeitáveis dizem que o bacilo mata, pelo modo asiático;¹¹ outras também respeitáveis juram que o bacilo não mata.

*Hippocrate dit oui, mais Gallien dit non.*¹²



¹⁰ Últimos versos do primeiro Canto de *Os Lusíadas* (1572): “Onde poderá acolher-se um fraco humano / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno?”

¹¹ A cólera asiática era a forma mais comum e mais temida da cólera. O bacilo vírgula, causa dela, foi identificado por Robert Koch em 1884.

¹² “Hipócrates diz sim, mas Galeno diz não”. Verso da peça *Les Folies amoureuses*, de Jean-François Regnard (1655-1709). Mário de Alencar e Aurélio têm “et Galien dit non”. Tanto quanto pudemos verificar (numa edição de 1868), a versão da *Gazeta* corresponde ao texto original.